

GEOGRAFIA MONTELLIANA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO

Jackson Sousa dos Santos¹

RESUMO

Josué Montello escreve em seu diário que: “a cidade de São Luís se derrama em seus romances”. Ao problematizar o Cais da Sagração, romance escrito pelo maranhense, esta pesquisa compreende seu texto de forma geográfica, a partir dos lugares e das existências situadas entre o mar e a terra, tendo como foco a vida e as práticas sócio espaciais do barqueiro Mestre Severino. Com efeito, tem-se como objetivo interpretar o referido romance de modo a alongar o olhar entre a obra montelliana e a Geografia, se debruçando nas experiências dos sujeitos-personagens do livro e na relação de afetividade do autor com a cidade de São Luís. No romance, o movimento entre os lugares de Mestre Severino e São Luís dá o ritmo da narrativa literária. Pautada, sobretudo, em contribuições da Geografia Cultural e da Geografia Humanista, inscreve-se sob questões principais: revisão e reflexão bibliográfica de noções conceituais fundamentais ao estudo; eleição de temas, personagens e tramas espaciais referentes ao romance a fim de gerar interpretações. Em suma, conclui-se que Cais da Sagração denota ensinamentos que traduzem a literatura como um texto que não se fecha em si mesmo, uma vez que a vida também pode, sim, imitar a arte. À Geografia também cabe compreender o referido estímulo, sob como São Luís se (re)construía afetivamente para o autor.

Palavras-chave: Geografia e Literatura; Josué Montello; Cais da Sagração; Lugar e Existência

ABSTRACT

Josué Montello writes in his diary that the city of São Luís spills over into his novels. By problematizing Cais da Sagração, a novel written by Josué Montello from Maranhão, this work understands it as a text that deals with places and existences located between sea and land, and which focuses on the life and socio-spatial practices of the boatman. Master Severino. In effect, the objective is to interpret the aforementioned novel in order to extend the look between montelliana work and geography, focusing on the experiences of the subject-characters of the book and the author's emotional relationship with São Luís. From the novel, the movement between the places of Master Severino and São Luís sets the rhythm of the literary narrative. Based, above all, on contributions from Cultural Geography and Humanist Geography, it is based on main questions: bibliographic review and reflection on conceptual notions fundamental to the study; election of themes, characters and spatial plots relating to the novel in order to generate interpretations. In short, it is concluded that Cais da Sagração denotes teachings that translate literature as a text that does not close in on itself, since life can also imitate art. Geography is also responsible for understanding the aforementioned stimulus, how São Luís was (re)constructed affectively for the author.

Keywords: Geography and Literature; Josué Montello; Cais da Sagração; Place and Existence.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Para (UFPA)
Email: jacksousasts@gmail.com

INTRODUÇÃO

São variadas as formas como a Geografia aborda a Literatura e vice-versa. Já se sugeriu que a literatura fosse utilizada como ponto de apoio aos geógrafos interessados pelas sínteses regionais. Já se recomendou buscar a poesia dos lugares na literatura. Já foi dito que a literatura deveria ser explorada devido à crítica que traz do mundo. Também já se recomendou a busca pelos espaços vívidos contidos em tais páginas. Mais recentemente, a Geografia Literária reconheceu todos estes potenciais, e acrescenta a noção de que as obras literárias devem, efetivamente, ser encaradas como objetos de estudos pelos mundos que constituem e representam, se fazendo assim como um “outro sujeito para a Geografia”, nas palavras de Brosseau (2007).

Josué Montello foi um importante escritor, jornalista e professor, nascido em São Luís do Maranhão, registro feito em seu diário que diz: “Nasci a 21 de agosto de 1917, em São Luís, numa casa que ainda hoje existe, na esquina da Rua dos Afogados com a Rua do Pespontão. Casa simples, de duas janelas e uma porta, rente à calçada” (MONTELLO, 1998, p.14). Durante sua vida, Montello escreveu 27 romances, dos quais 14 são ambientados em São Luís, como forma de registrar seu amor por sua terra natal. Mesmo distante, quando foi morar na França, quando ocupou o cargo de conselheiro cultural da Embaixada do Brasil em Paris, ele tinha consigo um mapa de São Luís, que expunha embaixo do vidro de sua mesa. Por várias vezes ele admitiu olhar o mapa sentindo falta de seu lar. Em seus registros ele diz: “Por baixo do vidro de minha mesa, em Paris, eu tinha a planta da cidade de São Luís, com seus velhos nomes de ruas, (...)” (MONTELLO, 1971, p. 13).

Dentre as obras de Montello, uma que se destaca é “Cais da Sagração” publicado pela primeira vez em 1971, - mas que teve ao longo dos anos, várias publicações sendo traduzida até para o inglês e francês-, obra escrita por meio de temporalidades que vai e volta na leitura, como quem imita o balanço do mar. Dentre os temas apresentados na obra, as questões sociais desponta, como quando Mestre Severino se recusa a ter um neto com traços afeminados. A Homofobia sofrida por Davi e em certos momentos por Pedro, embora se apresente como um traço da época, é uma atitude que precisa ser reconsiderada; o assassinato de Vanju claramente se configura como um feminicídio, já que mestre Severino comete o ato a partir das suspeitas de uma traição e embora a defesa da honra fosse uma atitude aceitável para o tempo, a manutenção desse comportamento criou a cultura de violência contra a mulher. A prostituição como no caso de Dona Dudu, dona de um prostíbulo e da fama de se deitar com barqueiros. A tradição familiar repassada de geração para geração, como é o caso da família

de barqueiros de Mestre Severino. A cultura no vilarejo de Mestre Severino onde a maior arte dos homens são barqueiros. A tolerância religiosa como é o caso da fé de Lourença e Padre Dourado, seguidores do cristianismo e de Comadre Noca, benzedeira e praticante de religião de matriz africana, mas que mesmo com suas diferenças, consegue viver harmoniosamente.

Sem grandes aprofundamentos nos outros personagens, podemos afirmar que a literatura do Cais da Sagração se reporta a histórias espaciais de homens e mulheres que têm suas vidas desenroladas entre o mar e a terra, sendo o mar parte da Terra, como preconiza Dardel (2011). Entre a casa, o barco e o mar existem frestas entreabertas que revelam lugares e existências entre uma história e outra. Importante marco, o velho trapiche situado no quintal da casa do barqueiro é por onde passam as vidas e experiências vividas dos personagens que dão o tom da obra.

Ao me deparar com o enredo de Cais da Sagração, peguei-me a imaginar como Montello percebia e sentia São Luís, tendo por esta grande afeição e o sentimento de pertencimento. Conhecendo e estando tão ligado à cidade, o autor representava suas percepções a respeito desta em suas obras, afinal, a crítica social que propõe impressiona, e só assim o é, porque no momento da escrita, o autor detinha zelo pelos espaços sociais da vida.

A obra conta a saga de Mestre Severino, um velho barqueiro septuagenário, ex-presidiário, com costumes tradicionais. Mestre Severino realiza uma jornada pelo mar desafiando os limites de seu corpo e recomendações médicas, considerando que este estava num estágio avançado de sua doença, a fim de provar que ainda era capaz de navegar com o seu barco: *Bonança*, por quem ele tinha uma ligação afetiva. Enquanto homem do mar, seu último desejo antes de morrer era ensinar os saberes-fazeres de um barqueiro a seu neto, Pedro, a quem sonhava entregar o seu barco e transmitir a referida cultura, dando curso, assim, a uma tradição familiar, como seu pai fizera com ele, como seu avô fez com seu pai.

Este artigo tem como objetivo interpretar a obra Cais da Sagração, partindo da lógica da produção e escrita da obra de Josué Montello e sua relação com a cidade de São Luís-MA, buscando a partir disso fazer aproximações geográficas entre arte e ciência. O interesse por estudar a relação entre Geografia e Literatura surgiu a partir do momento que observo elementos geográficos enraizados na escrita literária, sendo estes propícios para a compreensão do espaço geográfico. A literatura surge como uma facilitadora para esse processo de compreensão das dinâmicas existentes no espaço, além de vir carregada de descrições do espaço-enredo onde a história se passa. Imbuído de tal desejo, depois de uma leitura rigorosa, buscou-se associar a teoria geográfica com diversas passagens do romance.

O enredo encontrado na obra mostra a dinâmica do litoral nordestino e a construção do

tempo em períodos distintos. Logo, entender como se deu o processo de construção do sentimento de pertencimento e identidade do personagem principal e os personagens secundários, mostra-se importante para uma maior compreensão de como a análise de obras romanescas pode fazer esse elo com a ciência geográfica.

Ademais, através de abordagens mais flexíveis, de um lado, espera-se desfazer a ideia de que a literatura é tão somente texto de apoio e, de outro lado, superar os subjetivismos no tratamento com tais conteúdos. O rigor da ciência encontra daí uma inversão de leitura (BENJAMIN, 2016). O rigor se instauraria pela capacidade criativa, do geógrafo, no nosso caso, em fazer desdobrar geografias outras (HISSA, 2011, CAVALCANTE, 2019), o que quer dizer desvelar questões espaciais dos textos de literatura como ainda não se tinha visto. Assim, na pesquisa, a flexibilidade de caminhos possíveis coaduna-se com a criatividade do espírito científico (BACHELARD, 1988). A obra literária, deste modo, não acabaria na última página. Ela se estenderia logo ali na esquina, nas palavras e silêncios das pessoas do mundo.

A estes termos, a cidade é um exemplo de organismo social que fornece à literatura paisagens, lugares, territórios, ruas, praças, bairros, entre outros dos seus elementos. Tratamos, devemos salientar, de uma relação mútua. Ou não seria verdadeiro que a Literatura tem a capacidade de refazer a cidade? (GRATÃO, 2010). Na contemporaneidade, realidade e arte fazem da cidade um mundo complexo, polissêmico, portanto, suscetível a ganhar páginas de literatura: um campo de imaginação esplendoroso à expressão humana da realidade (BACHELARD, 1988), o que, certamente, inclui o mundo dos autores, requisitados e/ou sugeridos por eles.

A saber, este artigo surge de desdobramento de inquietações da dissertação intitulada “Cais da Sagração: alongar o olhar entre Montello e a Geografia –lugares e existências”, apresentada no Programa de Pós Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, na Universidade Estadual do Maranhão.

METODOLOGIA

No que se refere aos procedimentos metodológicos, partimos da revisão bibliográfica, buscando interpretações de obras que pudessem nos auxiliar durante a investigação, considerando pesquisas que trabalharam tanto o Cais da Sagração e também com o intuito de buscar mais informações sobre obra e autor. Após isso, interpretamos as informações escolhidas. Partindo de aproximações como método fenomenológico, na intenção de compreender a experiência vivida dos sujeitos espaciais – o que inclui autor, personagens e leitores -, em

conexão aos espaços da cidade, seja literária e/ou “concreta”.

A Literatura é uma forma de representação que nos ajuda a perceber diversas realidades existentes no espaço. Assim sendo, este estudo é uma análise das representações literárias, inseridas na interdisciplinaridade, buscando estabelecer um diálogo entre Geografia e Literatura. Através da memória literária expressa em diversas obras – o no Cais da Sagração não é diferente –, é possível conhecer manifestações culturais de um grupo social, os retratos dos lugares, o tempo onde se desenvolve o enredo e os espaços geográficos nele representados. Assim, é possível perceber a relação entre ciência e arte.

Assim, buscando utilizar uma metodologia que conjugasse Literatura e ciência, a pesquisa bibliográfica e documental mostrou-se ser a metodologia que nos proporcionou um resultado mais satisfatório dentro dos objetivos buscados dentro da pesquisa. Essa metodologia possibilitou estabelecer relações mais teóricas de acordo com a pesquisa. Além dessa pesquisa bibliográfica, incursamos à visitas a Casa de Cultura Josué Montello quando esta realizou um evento em comemoração aos 50 anos de lançamento do Cais da Sagração e também em outros momentos, no intuito de obtermos mais informações sobre a vida de Montello e a produção do Cais da Sagração. Tivemos encontros e realizamos entrevistas com Wanda França responsável pelo museu e Joseane Souza diretora da Casa de Cultura, no qual tivemos relatos sobre vida e obra de Montello.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Efetivamente, entre os autores que nos auxiliamos enquanto fundamentação teórica da pesquisa citamos aqui alguns nomes destacáveis: Holzer (1992), Collot (2012), Brosseau (2007), Marandola Jr. (2007), Cavalcante (2019) e Feitosa (2021). Tais autores enxergam a literatura como forma de expressar geografias vividas, nos proporcionando uma visão enriquecedora dos trabalhos que dialogam com a arte. Tomando a discussão de obras literárias postas como referências, citamos o Cais da Sagração, de Josué Montello, que retrata a cidade de São Luís, capital do Maranhão, o mar e um vilarejo de pescadores; O Quinze, de Rachel de Queiroz, que lança luz sobre o Ceará; a Casa de Pensão, de Aluísio Azevedo, enredo que se passa na cidade do Rio de Janeiro. O que todas essas literaturas têm em comum? Elas têm como qualidade central espaços e tempos de vida, onde os dramas humanos dão o tom da vida enredada dos sujeitos espaciais.

A vida, aos olhos de Montello, imitaria então a arte que ele viria a escrever? Em seu Diário (1998) o autor conta que diversas vezes saía pelas ruas de São Luís apenas para ver a

poesia genuína: a vida aberta em ruas e pessoas, em terra e no mar, com demônios e deuses.

Seria possível dominar a arte de contar história se mantendo distante das pessoas, sem escutar com zelo as suas histórias? Para as duas perguntas deste parágrafo, por ordem, seguem as respostas: sim e não.

No Cais da Sagração, Montello forja, pelo menos em parte, sua experiência espacial e identidade ludovicense com sua arte imaginativa para dar um sentido às aventuras de seus personagens. De acordo com Wanda, o barqueiro era a figura humana que mais chamava a atenção de Montello quando este estava à beira do cais. E isso pelo fato de que esses sujeitos espaciais “exerciam uma função social de ida e vinda de suas localidades a São Luís, deixando Montello burilando com a mente o quê de poesia tinha naquilo”. Uma poesia colorida, ao que podemos pensar, porque as velas dos barcos, para ele, “deixavam coloridas as águas do entorno do cais da cidade”, ainda nos disse Wanda.

Um fator que está ligado à morte e ao romance trata-se do simbolismo da água salgada, substância na qual o velho barqueiro passou a vida navegando. Tenhamos como exemplo a morte de Vanju. As águas salgadas do mar que banhavam seu quintal foi onde o velho barqueiro tirou a vida de sua companheira. E, antes que Vanju morresse, Mestre Severino a mergulhou várias vezes nas águas do mar na intenção de purificar seu corpo e livrá-la dos pecados cometidos na terra. Assim, pura outra vez, a amada do barqueiro poderia partir em paz para o paraíso e esperar a chegada de Mestre Severino, onde ela não mais pensaria em traí-lo. Para Bachelard (2018, p. 151) “uma das características que devemos aproximar do sonho de purificação sugerido pela água límpida é o sonho de renovação sugerido por uma água fresca. Mergulha-se na água para renascer renovado”.

Ainda sobre Vanju, esta tem uma característica que nos remete não só ao Cais da Sagração, mais também a vida de Josué Montello. No enredo, Vanju é descrita como jovem, bonita e moderna. Mas, que no entanto, não passava tanta confiança ao Mestre Severino, que admirava sua beleza, mas sempre ficava um tanto receoso quanto a confiabilidade que esta lhe passava. Podemos assim, relacionar Vanju como se ela fosse a Nova São Luís, a parte moderna da cidade, do outro lado da Ponte do São Francisco, moderna e bonita, onde a vida acontece num cotidiano mais corrido. Tanto Montello quanto Mestre Severino achavam a parte moderna de São Luís bonita e atraente. No entanto, não confiavam e não se sentiam tão a vontade quanto acontecia quando estavam a velha São Luís – Centro Histórico. Vale ressaltar ainda que Vanju aparece na vida de mestre Severino, no mesmo período de início das obras do Porto do Itaqui, que culminaria num retrocesso na pujância da praia Grande naquele dado momento da história.

Ainda sobre essa relação de proximidade e segurança de Montello e Mestre Severino com São Luís, podemos fazer uma relação com outra personagem do Cais da Sagração. Lourença, a companheira de Mestre Severino antes da chegada de Vanju, pode ser comparada com a velha São Luís – Centro Histórico. Mais velha e onde ambos – Mestre Severino e Montello - se sentiam mais seguros e tinham mais relações afetivas. Era sempre à velha São Luís que Montello se referia quando dizia sentir saudades de sua terra, era sempre a Loreença que Mestre Severino se direcionava quando este precisava de alguém de confiança para cuidar de suas coisas. Lourença e Vanju eram de mundos diferentes e tinham estilos de vida dessemelhantes. A primeira era acostumada com a calmaria, a outra com a vida agitada; a primeira exercia cotidianamente uma vida de orações, a outra não demonstrava afeição por coisas do tipo; a primeira se acostumou a servir seu parceiro, a outra foi acostumada a ser servida e paparicada pelo mesmo.

Vale lembrar que Mestre Severino, em dado momento do Cais da Sagração, nos conta que em certos momentos ele se sente mais confortável estando em seu barco no sacolejo do mar, do que quando esta em terra firme. Isso nos remete ao fato de que, Mestre Severino, ora é homem do mar, ora é homem da terra.

Regressemos agora ao velho trapiche localizado no quintal da casa do barqueiro que, literalmente, funcionava como uma ponte entre a mar e a terra, entre a terra e o mar: espaço de transição. Para Heidegger (1954, p. 5) “é somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro”. Para Mestre Severino, o telúrico e o aquático eram acessados mediante o trapiche e se, de modo geral, a casa é tida como um espaço seguro e o mar como um espaço agitado, na perspectiva do Mestre, mais vale focar na completude do seu ser dada pelas águas, sob as tábuas do *Bonança*, em movimento.

A casa e o barco se completavam, unidos pela pequena ponte de tábuas, em forma de trapiche, que avançava mar adentro, por cerca de cem metros, e que as ondas cobriam nas marés altas, sobretudo nas noites de plenilúnio. Embora a casa ficasse longe, na eminência da ribanceira, acima das palmas dos coqueiros-anões, o trapiche a prolongava, como se fosse a extensão da nesga de praia de seu quintal (MONTELLO, 1971, p. 57).

Uma ponte entre a casa e o barco. Este era o significado do trapiche. Porém, muito mais que ligar a casa ao barco, ligava o barqueiro também aos seus passageiros. Um ponto-ponte de encontro. Um divisor e ao mesmo tempo uma conexão. Ainda segundo Heidegger (1954, p. 6) “a ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar”. Dessa forma, o velho trapiche deixa de ser um mero local onde o Bonança atracava e desatracava em

suas idas e vindas a São Luís, para se tornar um lugar de experiências das pessoas que viajavam com Mestre Severino.

- Eu levo o seu filho de graça. Basta o que o senhor já gastou com ele. Vá descansado. E enquanto o imenso Abdala, emocionado, enxugava com a polpa dos dedos os olhos crescidos, Mestre Severino aproximou-se de D. Corina Soares, que vinha chegando ao trapiche num vestido azul brilhante, a cabeça grisalha envolta num lenço estampado, cada mão segurando uma sacola repleta, e que lhe disse, ao vê-lo caminhar ao seu encontro: - Quase que eu não vinha, Mestre Severino. À última hora, minha filha mais nova, a Dudu, queria por força me fazer desistir da viagem. De noite, ela sonhou que a casa estava pegando fogo, achou que podia acontecer alguma coisa comigo no caminho. Tive de bater o pé para vir. Bobagem. Só se morre no dia. (MONTELLO, 1971, p. 166).

Quando partiam, o trapiche era o último espaço com o qual os passageiros se relacionavam em terra, quando retornavam, ele era o primeiro espaço a recepcionar os passantes: um lugar condensado de sentimentos, espaço símbolo no qual, com os pés molhados, Mestre Severino pisou inúmeras vezes. Ademais, este lugar é simbólico no romance porque foi ali que o velho Bonança ficou atracado ao se deteriorar completamente enquanto Mestre Severino cumpria sua pena na cadeia. Naquela conjuntura, Lourença sempre que olhava o barco lembrava-se do seu querido Mestre Severino. Vanju, um dia por ali também aportou. Em terra firme, como no caso de quando estava em São Luís, o Mestre era parte das ruas, se envolvia com os burburinhos dos comerciantes e catraieiros, porque também lidava com encomendas.

Tudo isso envolve a sensibilidade de saber “enxergar” a obra literária em suas cenas poéticas (HOLZER, 1992), mas também em seus contextos históricos. A dimensão do conhecimento geográfico nos remete, em tal magnitude, a um tipo de exame que revela personalidades, mas também relações políticas e sociais. Assim, a expressividade do fenômeno “torna possível o inter-relacionamento com Literatura em razão de sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa, capaz de exprimir as diferentes representações da realidade geográfica” (FEITOSA, 2012, p. 185).

Fato é que a grande maioria das obras literárias comportam lugares e tempos pelos quais a narrativa transcorre. Por isso, Brosseau (2007) defendeu que a Literatura nos possibilita pensar de maneira que nenhuma outra obra de arte consegue fazer. No Cais da Sagração temos o vilarejo, o mar e São Luís. Dardel (2011) diz que o homem é agenciado pelo ambiente geográfico, portanto, sofre influência e influencia o ambiente. Wanda nos relatou que havia por parte do autor uma angústia sobre como ele conseguiria escrever Cais da Sagração estando distante de São Luís, do mar do Maranhão, dos homens do mar e das velas coloridas dos barcos. “Mas isso não o abateu, pelo contrário, o fez presente, em mente, na

terra que tanta amava”, ela nos diz.

Pensando na relação entre Geografia e Literatura, tecendo aproximações entre arte e ciência, para Cavalcante (2019, p. 22), “a geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado”. Portanto, a relação entre ambas pode ser compreendida como mais uma forma de ver e sentir as coisas, tomando por base o real, mas com fortes margens para que o mundo seja reescrito. A bem da verdade, Montello descrevia São Luís como um lugar íntimo, jamais estanho, embora causando estranheza por conta das suas mazelas.

Do estudo de Geografia e Literatura, a paisagem que compõe o lugar é um dos primeiros elementos imaginados (MARANDOLA, 2006), esfera em que os autores, e também leitores, se deixam prender pela qualidade das descrições paisagísticas propostas. Por outro lado, a realidade geográfica físico-natural descrita tem o poder de revelar a diversidade de elementos que a Geografia pode oferecer na construção de obras literárias. Comumente, para fazer vingar a sua mais nova obra literária, o escritor realiza diversas incursões sobre os lugares que pretende escrever. Sobe e desce ruas, conversa com as pessoas, observa com atenção a natureza e anota tudo. Bem imagina.

O autor cria geografias para dar vida aos seus personagens. Transvê os costumes, revisita as normas, repensa as práticas espaciais, critica a realidade e propõe mundos outros. Ao seu fazer, a realidade não está pronta e acabada, não é puramente objetiva, ou calcada na concepção exclusiva da economia enquanto definidora da vida. De acordo com Claval (2010) o contexto geográfico é cambiante, e cada homem sabe bem de geografia porque a vive diariamente. As obras de Montello, ficção como o são, estão repletas das experiências vividas pelo próprio autor, como comenta Wanda: “São histórias que têm essências que ele traz da vida dele pessoal para a obra. Claro que com desfechos diferentes e com algumas modificações, com a graça de sua arte”. Para Montello, os seus escritos continham a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na aproximação entre ciência e arte, Geografia e Literatura, é possível desenvolver relações criativas e crescentes. No cenário da vida, ficção e realidade confundem-se. Difícil imaginarmos geografia que não possa ser descrita em forma de texto literário, bem como o é imaginarmos literatura sem a relevância de quadros espaciais significativos da geografia,

carregados de descrições físico-naturais necessárias para o enredo. Segundo Joseane, a obra *Cais da Sagração* é importante para o Maranhão porque esta “traz um resgate do estilo de vida do homem do mar no litoral maranhense, mais precisamente de São Luís”.

Contudo, há de termos muito cuidado para não tentarmos encontrar na literatura os chamados conceitos geográficos, e sim caminharmos na direção de decifrar os sentidos dos lugares e as experiências dos sujeitos espaciais que fazem brotar, como alerta Marandola Jr. (2010). Já Tavares Junior (2021, p. 122-123) denota que “à primeira vista pode-se ter a impressão que seja fácil ter um romance como objeto de estudo para um trabalho dissertativo. Mas, definitivamente, não é. O texto do escritor pode nos levar para caminhos desconhecidos, sendo levados pela boa prosa, e a ciência – no caso a Geografia – corre o risco de ser esquecida”.

Montello queria e sempre se preparou para ser autor de literatura, porque tinha no mundo e na vida que levava as pessoas a sua grande inspiração. Para escrever *Cais da Sagração*, Montello conversou com vários barqueiros e diversas pessoas que (con)viviam no velho cais de São Luís. Isso pelo fato dele entender que este é um procedimento de escrita que tem a intenção de fazer com que a obra literária (arte) se confunda com a realidade (vida), de tão dramática, humanamente falando.

Os textos literários, sem a obrigação de responder a rigidez das racionalidades, em muito evidenciam questões socioculturais e dramas humanos gravados em territórios, paisagens e lugares, como o tradicionalismo de Mestre Severino vindo de sua família de barqueiros, a homofobia sofrida por Pedro, a prostituição como condição de vida de Vanju antes de se casar com Mestre Severino, o feminicídio cometido pelo barqueiro quando este desconfia de traição, a religiosidade de Lourença sempre se apegando a sua fé quando algum problema a afligia, a mudança da dinâmica tanto de São Luís quanto do vilarejo com a “chegada do progresso”. É pela arte que podemos enxergar estas singulares bases do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação e a matéria**. 3. Ed. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 2018.

BENJAMIN, W. **História da literatura e da ciência da literatura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza:EdiçõesUFC,2019.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: perspectiva, 2011.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia L. G.; COSTA, Janete de J. S. **O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura**: a construção de um saber múltiplo. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista** – Sua trajetória de 1950 – 1990. 548f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Narrativas Calvinianas**: da descrição do explorador ao percursodoandarilho. Rua, Campinas, n.12, p.47-58, 2006.

_____. Geograficidades vigentes pela literatura. **Geografia, literatura e arte: reflexões**. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan, Rodrigo Ferreira (Org.). Salvador: EDUFBA, 2010

MONTELLO, Josué. **CaisdaSagração**: romance. RiodeJaneiro:Record,1971.

_____. **DiárioCompleto**. DoisVolumes. RiodeJaneiro:NovaAguilar,1998.

TAVARES JÚNIOR, Mozart de Sá. **O lugar do habitar em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello**. São Luís, 2020. 133 f.: Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.